

JORNAL: Jornal do Comércio(Folhetim)
DATA: 11-04-65
LOCAL: Guanabara
TÍTULO: Ariel e Caliban
AUTOR: Miranda Netto

ARIEL E CALIBAN

Ariel e Caliban estão vivamente presente na exposição do IBEU, que continuo a comentar aqui. Os desenhos p^{ur}íssimos de Rita Rosenmeyer, a ingenuidade aparente de Eucl^{id}yce Bressane, a simplicidade de Nilza Eiras Borgerth, com seus santos, apenas acenados, meio escondidos em uma parede lateral, estão sob o signo de Ariel. Mas Caliban surge, mestre inconfundível de nossa época, nos desenhos a nanquim aquarela de Hilda Campoflorito e, mais ainda, nas Goyescas de Ivan Serpa.

O monstruoso começa a invadir a arte. Quais as razões profundas dessa trágica anamorfose, que enche as molduras modernas de figuras torturadas, de que ninguém esperava a ressurreição depois do tremendo fogo purificador do abstracionismo geométrico? O homem, ao olhar para si mesmo, descobre, na mais profunda caverna do seu ser, o inesperado Caliban. Não é fácil encará-lo de frente. Os próprios dominadores do mundo mágico o temem. Recordemos o quarto ato da tempestade de Shakespeare. Próspero chama Ariel e com grande sabedoria o previne: "Spirit, we must prepare to meet with Caliban".

Não é fácil encarar Caliban de frente. Lembremos do quarto ato da "Tempestade de Shakespeare. Próspero chama Ariel, e com a sua profunda sabedoria o previne: "Spirt, we must prepare to meet with Caliban".

O conselho de Próspero vale muito nas artes plásticas contemporâneas. O contato com Caliban exige preparação prévia, principalmente depois de meio milênio de uma intoxicação de beleza que nos vem do Renascimento.

Sempre houve espíritos que desceram à caverna, em

busca de Caliban. Há no Juízo Final de Miguel Aggelo, na parte inferior do grande afresco uma face poiesca, que ainda mais realça sua monstruosidade pelo negro que o fumo das velas acumulou lateralmente. Uma face que "ha forma di spavento", para usar a expressão do próprio Miguel Angelo em seu autoretrato literário, tão cheio de poesia.

Miguelângelo, apesar de ser o modelo supremo do Renascimento veio trazer à arte as raízes da "terribilitã" conceito novo, prenúncio do expressionismo e do surrealismo. Essa nota de atualidade na arte miguelangelesca não escapou ao espírito penetrante de Paul Klee (Diário da Viagem a Roma) que o coloca "entre os modernos".

Hilda Campofiorito e Ivan Serpa cultivam um gênero ainda pouco frequente na arte brasileira. A experiência do monstruoso, da deformação (não confundir com metamorfose) não é comum entre nós. Aos que tiverem curiosidade pelo tema recomendo a leitura do poema de Cassiano Ricardo "João Torto e a Fábula". Há nele uma lição de estética, perfeitamente aplicável às artes plásticas.

Surpreenderam-me os desenhos de Hilda Campofiorito. Não poderia supor que as mãos da decoradora, que armam formas tão delicadas sobre a cerâmica e os tecidos, compusessem figuras macabras, terríveis e grotescas, intencionalmente, mas ao mesmo passo cheias de fantasia e intenso lirismo.

Bosch e Goya abriram as portas da pintura ao grotesco e ao terrível. Hilda Campofiorito e Ivan Serpa no que mandaram ao IBEU, estão nessa linha.

Quem vê os dois trabalhos de Serpa na galeria do IBEU, não mergulha a fundo na nova fase do pintor. Será necessário ir ao Museu de Arte Moderna, onde há um grupo de trabalhos que constituem uma espécie de retrospectiva, iniciando-se em

1946. Desenhos quase infantis, que a pouco e pouco tomam densidade. Esses pequenos retângulos coloridos explicam perfeitamente a fase atual. Já em 1949 surge uma árvore, com grandes folhas e aspectos humano.

Serpa se vai depurando até atingir a um grafismo quase etéreo. Ariel transposto para o reino da forma. Como teria, de repente, Caliban invadido a cena, com essas faces de horror e seus ossos brancos, surgindo fantasmagoricamente na cerração branca e negra dos traços? Há dois anos escrevia eu, ao ver alguns quadros de Serpa na Galeria Tenreiro: "Essas mulheres de coxas coloridas de vermelho e verde, visão mágica de sereias que renunciaram à metade do peixe e se transformaram em algo de terrível, sexos brutalizados, incubos e sucubos que enchem os quadros em uma grafia intencionalmente pesada e simplificada... (levam o pintor) a um estranho labirinto povoado de monstros. Vamos ver aonde vão conduzi-lo essas figuras macabras".

A exposição do MAM não tem nenhum quadro dessa fase de 1965. Mas nos desenhos, há precioso testemunho. O horror e o sexo não raro estão unidos. Gilles de Rais, o maldito, companheiro de Joanna D'Arc, foi ao mesmo tempo marquês de Sade e Sacher von Masoch "avant la lettre". Mais violento que os seus sucessores, deixou o castelo entulhado dos cadáveres de suas vítimas.

Morte igual à beleza abstrata, afirma René Hocké. A arte maneirística há raro invoca o macabro e assume um "caráter maldito". Baudelaire: Plonder au fond du gouffre/Enfer ou Ciel, qu'importe/au fond de l'inconnu/pour trouver du nouveau".

Ivan Serpa sai de seu jardim de arabescos caligráficos para a "Selva Selvaggia" marcada pelo signo do gigantismo, com suas imensas máscaras de horror, propositadamente expressas em branco e preto. Justamente o contrário do início da nova fase (1963), que se caracteriza por um intenso colorido, quase

crítica
análise

agressivo.

Ficarã Serpa nesta maneira? Não creio. Reparem em uma sêrie de desenhos recentíssimos (fevereiro de 1965) onde as formas de terror se enquadram em um corte geométrico, evocação do geometrismo, tão caro a Serpa em uma de suas fases anteriores. As matrizes geométricas desses desenhos são diagonais bruscas, torturadas. No interior dessa moldura abstrata os monstros se vão dissolvendo, como nos filmes de horror e começam a ter um leve toque ariêlico. Mais uma vez faço a pergunta: Aonde irá Serpa? Não me parece que sua eterna curiosidade se cristalize nas formas goiescas. Veremos aonde irá esse eterno descontente, tão agressivo em sua pintura atual, tão humano em seu contato com as crianças, que dirige com sãbia batuta, na escola de arte do MAM.

continuação
análise crítica

Instituto de Arte Contemporânea